

CIÊNCIA E A TEORIA DA «VIDA APÓS A MORTE»: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA DA ÉTICA

PAULO NUNO MARTINS¹

Resumo: Nas religiões Ocidentais o conceito de «vida após a morte» tem sido relacionado com ressurreição e moralidade, enquanto que nas religiões Orientais o mesmo conceito tem sido interligado com reencarnação e karma. Este artigo pretende ser uma contribuição para o estudo mais profundo deste tema da «vida após a morte», através da abordagem de algumas experiências da mecânica quântica e das ciências cognitivas que apoiam as teorias religiosas da reencarnação e ressurreição, conceitos tão importantes para a filosofia da ética.

Palavras-chave: Ressurreição e reencarnação, sobrevivência da consciência, percepção extra-sensorial (PES), experiências de quase-morte (EQM), memória reencarnacional, filosofia da ética (bioética).

1. INTRODUÇÃO

A morte é algo inerente à vida. No entanto, não sabemos exactamente de onde é proveniente a Fonte da vida. A este propósito, é de referir que genericamente o ser humano cren-te acredita nas teorias da reencarnação e/ou ressurreição. A palavra «reencarnação» deriva do Latim, e significa literalmente «entrar na carne outra vez». O termo Grego sinónimo é *palingenesis*, e que significa «nascer outra vez». Por seu lado, o termo «ressurreição» deriva da palavra Latina *resurrectione*, e significa literalmente «levantar». A doutrina da reencarnação é um tema central na maioria das religiões Orientais, tais como o Hinduísmo, Budismo, enquanto que a doutrina da ressurreição é preferencialmente adoptada pelas religiões Ocidentais, tais como o Cristianismo, Judaísmo.

Neste sentido, poderemos perguntar se existe uma «alma» que sobrevive à morte e migra de um corpo para outro (ou por outras palavras, se existe «vida após a morte»?). Nas últimas décadas, muitas pessoas no Ocidente desenvolveram um grande interesse pela *hipótese*

¹ CTEC-Universidade Fernando Pessoa do Porto
CIUHCT-Universidade Nova de Lisboa
E-mail: paulonunom@gmail.com

da reencarnação. Alguns investigadores universitários na área da psiquiatria, tais como Ian Stevenson [1] e Jim Tucker, têm pesquisado o tema da reencarnação e publicado artigos, em revistas científicas, sobre as memórias de vidas passadas de várias pessoas, bem como, escrito em livros, sobre este tema, tais como *Twenty Cases of Reincarnation and Life Before Life*. No entanto, alguns cientistas, como Carl Sagan, defendem que a investigação sobre a reencarnação precisa de um estudo mais profundo.

Por seu lado, no último século algumas experiências da mecânica quântica têm desafiado a nossa visão do mundo: a experiência da «dupla fenda» (a relação entre a «ondícula» e a «onda» ou «corpúsculo»), a experiência da «escolha retardada» (a relação entre «sujeito» e «objecto»), a experiência de Alain Aspect sobre «não-localidade» (a comunicação instantânea entre dois objectos quânticos separados).

Além disto, as ciências cognitivas têm revolucionado a visão sobre a relação entre a mente/consciência e o corpo, expressas através da «Teoria da mente holográfica» e da «Teoria mente-corpo». A Psicologia transpessoal complementou este estudo com o «Diagrama ovo ou da consciência».

Estas experiências e teorias têm algumas implicações epistemológicas, nomeadamente no papel da ética (do Grego *etho*, que significa *comportamento*) nas nossas vidas [2], tão importante para o estudo de áreas científicas contemporâneas, tais como a bioética.

2. CIÊNCIA E A TEORIA RELIGIOSA DA «VIDA APÓS A MORTE»

As filosofias da Índia [3] defendem que a *causa da manifestação dos fenómenos* é “Prakriti” (designada por “mente” ou “gunas”) que existe juntamente com “Purusha” ou Consciência Una (designada pelas várias religiões como Deus, Ein Sof, Alá, Brahman), tendo como intermediário a Alma. O ciclo de nascimento-morte é interminável até a «Lei de causa e efeito da consciência» ou «karma» [4] estar satisfeita. É então que a unidade entre a personalidade e a Alma é alcançada e a necessidade de reencarnação cessa. Assim, não há morte no sentido absoluto, mas apenas mudança de corpo físico, até à próxima reencarnação do corpo vital, emocional e mental - designado por «corpo quântico» [5] – noutro corpo físico [6], de modo que a evolução da consciência da personalidade possa ocorrer.

Vamos aplicar as filosofias da Índia na interpretação epistemológica da experiência da «dupla fenda» da Mecânica Quântica [7], [8] que nos vai auxiliar na descrição da temática da «vida após a morte». Nesta experiência não é possível ver simultaneamente a «ondícula», por um lado, e a «onda» ou «corpúsculo», por outro (designado por “Princípio da Complementaridade”). Esta interpretação acontece se considerarmos um único nível de realidade – o nível físico. No entanto, se considerarmos vários níveis de realidade, é possível

considerarmos que a «onda» e o «corpúsculo» estão juntos (a «ondícula») num nível de realidade – o nível transcendente - mas separados como «onda» ou «corpúsculo» noutra nível de realidade – o nível físico. Esta ideia é apoiada pelo conceito da Transdisciplinaridade designado por *níveis de realidade*, proposto por Basarab Nicolescu [9], no pensamento Ocidental. Este investigador propõe que “existem diferentes níveis de realidade e, portanto, diferentes níveis de percepção”. A passagem de um *nível de realidade/percepção* para outro é assegurado pela «Lógica do Terceiro Incluído», sendo cada nível caracterizado pela sua “incompletude”, de acordo com o teorema de Kurt Gödel [10], onde a percepção de um nível de realidade é apenas parte da Totalidade ou Consciência Una.

Poderemos verificar a semelhança entre a ideia de *níveis de realidade*, veiculado pelo pensamento Ocidental, e os vários *planos de consciência*, defendido pelas filosofias da Índia [11]. As filosofias da Índia defendem que os seres humanos têm vários *níveis de consciência/percepção*. Estes são respectivamente, o «Annamaya Kosha» (plano físico de consciência), o «Pranamaya Kosha» (plano vital de consciência), o «Kamamaya Kosha» (plano emocional de consciência), o «Manomaya Kosha» (plano mental concreto de consciência), o «Vijnanamaya Kosha» (plano mental arquetípico), o Anandamaya Kosha» (plano intuitivo da consciência), e o «Purushamaya Kosha» (plano nirvânico da consciência). O «corpo vital» está correlacionado com o «corpo físico» nos «chakras». Assim, após a morte do corpo físico – na realidade física (ou «Annamaya Kosha») - a Alma sobrevive (juntamente com o «corpo quântico») – na realidade transcendente.

No entanto, as sociedades Ocidentais e Orientais têm diferentes perspectivas acerca da teoria religiosa da «vida após a morte», expressa através dos conceitos de *ressurreição e reencarnação* [12]. Enquanto as religiões Ocidentais admitem que a Alma sobrevive após a morte, no Inferno ou no Céu (sendo o Purgatório um “estado intermediário” entre as duas situações), ficando nesse “lugar” de acordo com as acções (más ou boas, respectivamente). Por seu lado, as religiões Orientais (como o Hinduísmo) defendem que o Céu e o Inferno são apenas «residências temporárias», após a qual a Alma tem de voltar à Terra ou reencarnar de modo que a pessoa possa continuar a sua evolução da consciência. Esta ideia de reencarnação encontrou apoio no pensamento Ocidental, ao longo dos séculos, nomeadamente através de Pitágoras, Platão, David Hume, Ralph Waldo Emerson, Henry Thoreau, Benjamin Franklin, Johann von Goethe, Arthur Schopenhauer, Madame Blavatsky [13], entre outros. As religiões Orientais também defendem a ideia de que há um último estado de perfeição do ser humano, onde é possível sair da «roda kármica» do mundo manifestado ou «samsara» (os Hindus chamam a este estado de consciência «moksha») onde não há necessidade de voltar à Terra (ou reencarnar). Esta ideia está de acordo com o conceito de «imortalidade da Alma» preconizado pelas culturas e religiões Judaico-Cristãs, nomeadamente com a ideia de ressurreição da religião Cristã.

Assim, poderemos perguntar se existem evidências científicas sobre estas ideias de «sobrevivência da Alma ou consciência» após a morte, bem como de «reencarnação»? Neste artigo iremos referir algumas investigações sobre a «sobrevivência da consciência» e sobre a «hipótese da reencarnação», de modo a termos uma visão mais clara sobre a temática deste artigo [14]. Como sabemos, o ponto de vista materialista da realidade defende que tudo pode ser reduzido a partículas elementares (os constituintes básicos da matéria), sendo estas as únicas com efeito causal sobre a matéria. Assim, as partículas elementares dão origem aos átomos, os átomos dão origem às moléculas, as moléculas dão origem às células, as células dão origem ao cérebro. Neste paradigma materialista, a consciência (ou a mente) é um epifenómeno da matéria (fenómeno secundário). No entanto, poderemos por a hipótese, e se algum elemento da personalidade humana sobreviver à morte? Neste caso, o ponto de vista materialista torna-se limitado na sua justificação [15].

Por exemplo, o filósofo Jiddu Krishnamurti [16] defende que “tudo começa na Consciência Una” ou na Fonte da Vida (como foi referido anteriormente), a qual é independente da matéria, isto é, a Consciência Una é a base de todos os seres [17]. Por exemplo, o físico Amit Goswami baseado neste ponto de vista propõe um modelo do ser humano (que é partilhado pelo autor deste artigo) onde a Alma e o «corpo quântico» existem num nível de realidade – o transcendente – enquanto que o corpo físico manifesta-se noutra nível de realidade – o físico - referido anteriormente [18].

Neste sentido, poderemos perguntar se existe alguma evidência experimental que apoie este modelo de «sobrevivência da Alma ou consciência»? Alguns investigadores [19] defendem que nas situações onde a informação de uma determinada pessoa falecida pode ser verificada, poderemos admitir o modelo de «vida após a morte», nomeadamente através da *percepção extra-sensorial (PES)* ou a *hipótese da sobrevivência pós-morte*. Como exemplo destas duas situações [20], poderemos considerar a “comunicação” entre uma pessoa falecida com outra pessoa viva [21], transmitindo informações sobre situações pessoais e particulares da pessoa que faleceu. Após a investigação dos factos, verifica-se que a informação está correcta.

A *PES* considera que a pessoa viva que recebeu a informação, designada por sensitiva ou psíquica, é a responsável por captar a informação duma realidade (diferente da física), enquanto que a *hipótese da sobrevivência pós-morte* admite que se alguma informação é transmitida, então é porque algo sobrevive após a morte - como, por exemplo, a Alma - numa realidade transcendente.

Assim, numa primeira abordagem poderemos dizer que qualquer discussão sobre a “sobrevivência da consciência” (ou «vida após a morte») deve seguir segundo duas linhas de investigação: uma é empírica e outra é filosófica. A escolha entre estas duas posições é em última análise pessoal [22], [23].

Esta posição é defendida por Stephen Braude [24], Herbert Saltmarsh [25], Alan Gauld [26], Paul Beard [27] e Almeder [28]. O tema da “sobrevivência da consciência” pode dar-nos também uma ideia do modo como poderemos “existir” noutra dimensão da realidade [29], tendo Peter Novak [30] defendido dois modos (principais) de sobrevivência que conciliam o pensamento Ocidental e Oriental: vida eterna como uma extensão desta vida e reencarnação [31], [32].

A este propósito, gostaríamos de referir que Einstein [33] tinha uma determinada perspectiva sobre «a vida após a morte». De facto, depois da morte de seu amigo Michele Besso, Einstein afirmou: *“Agora que Besso partiu deste estranho mundo um pouco adiante de mim. Isso não significa nada. Gente como nós ... sabe que a distinção entre o passado, o presente e o futuro é só uma ilusão obstinadamente persistente.”* Parece que Einstein tinha uma perspectiva filosófica na qual a vida presente da pessoa estava interligada com o passado e o futuro desta. Esta ideia de Einstein é partilhada pelo filósofo Sri Aurobindo Ghose [34] que defende que é a Alma (juntamente com o «corpo quântico») que interliga as vidas das várias encarnações do ser humano, sendo este uma «espécie em transição» que tem como objectivo transformar-se no seu aspecto Divino.

Assim, por outro lado, poderemos perguntar se existe alguma evidência sobre a *hipótese da reencarnação*? Existem dois tipos de investigação que apoiam a *hipótese da reencarnação*, nomeadamente, as *experiências de quase-morte (EQM)* e a *memória reencarnacional*.

Nas EQM [35], [36] que englobam as *experiências fora-do-corpo* [37] e as *experiências de revisão de vida* [38], poderemos encontrar a sugestão de algumas crenças religiosas de «vida após a morte» presente em muitas culturas. O psicólogo Kenneth Ring [39], [40] resumizou os vários aspectos das experiências de quase-morte, nomeadamente *“uma sensação de estado alterado de consciência, onde frequentemente a pessoa diz que passa por um túnel, onde tem uma visão de toda a sua vida. Depois a pessoa retorna à vida na Terra”*. Ainda hoje se debate se as *experiências de quase-morte* são apenas um fenómeno fisiológico ou se é algo mais profundo [41], [42].

É certamente um fenómeno complexo que não é descrito pelos modelos psicanalistas actuais da consciência [43], [44]. Esta posição é defendida por David Lorimar [45], e muitos outros cientistas. Muitos dos sobreviventes de EQM passam a viver uma vida de amor desinteressado, sugerindo uma profunda transformação de consciência [46].

Também nas *experiências fora-do-corpo*, as pessoas relatam que têm uma visão delas próprias por cima do corpo físico, podendo este processo ser descrito como uma experiência “não-local” (comunicação instantânea). Temos de referir que Henry Sidwick [47] e os seus colaboradores fizeram uma compilação sobre as pessoas que estavam a morrer e comunicavam com os familiares e amigos, semelhante a *experiências fora-do-corpo*. Também os

psicólogos Osis e Haraldsson [48] descreveram vários relatos de pessoas que estavam a morrer e que tiveram nesse momento uma *revisão de toda a sua vida*, experienciando, por vezes, uma intensa alegria, semelhante a um «estado de sonho» [49], correspondendo a um encontro com um arquétipo “não-local” como, Jesus (Ocidente) ou Kuan-Yin (Oriente).

Por outro lado, a evidência de *memória reencarnacional* é obtida, principalmente, a partir do relato de crianças que se lembram das suas vidas passadas, e cujas descrições podem ser confirmadas. Por exemplo, Ian Stevenson [50] construiu uma base de dados de pessoas que tinham memórias reencarnacionais, e cujas características puderam ser verificadas. Este estudo sugestivo de reencarnação foi levado a cabo, igualmente, por Antonia Mill [51] e Jim Tucker [52]. Estes cientistas acompanharam as crianças aos locais das suas vidas passadas, e apesar destas nunca terem estado nesses locais eram, ainda assim, capazes de descrever com exactidão as características dos locais onde tinham vivido.

Ian Stevenson [53], [54] correlacionou, igualmente, as marcas de nascença (por exemplo, algum defeito) e as mortes violentas ocorridas em vidas passadas dessas pessoas.

Também o fenómeno de talentos especiais poderá ser relacionado com a *memória reencarnacional* [55], [56] onde algumas crianças são capazes de evidenciar um talento especial para uma dada tarefa, sem terem aprendido nada na presente vida que o justifique. Por exemplo, Ramanujan fazia séries matemáticas infinitas sem ter tido nenhum treino especial, nem um meio ambiente que justificasse tal talento. A este propósito o psicólogo Satwant Pasricha [57] defende que a genética ou o meio ambiente não é capaz de explicar tais talentos, pois os genes são instruções para fazer proteínas, não havendo um gene particular para um dado talento. Neste caso a *hipótese de reencarnação* pode ser uma possível explicação para tal facto. Acrescente-se que Erlendur Haraldsson [58], [59] também entrevistou vários adultos que apresentavam determinadas fobias que não eram justificadas por nenhum acontecimento da vida presente. Após terem feito regressão, tiveram acesso às *memórias da vida passada*, tendo encontrado uma justificação para tal fobia, tendo-se sentido muito melhor após terem passado por tal experiência.

Também Amit Goswami [60] descreve o caso de um rapaz Japonês que dizia ter-se chamado Tozo numa vida passada e ter sido filho de um camponês de outra aldeia. Após ter sido levado à antiga aldeia conseguiu identificar a casa onde vivia, bem como, vários itens desta sua vida passada, que se verificaram estarem correctos [61]. Outro exemplo é Edgar Cayce [62] foi capaz de descrever a vida passada de várias pessoas, através daquilo que ele chamava de «Memória Akáshica», que pode ser interpretada como uma *memória reencarnacional* “não-local” (do «corpo quântico») numa realidade transcendente. A Alma (que liga as várias encarnações de uma pessoa) é sempre a mesma e, sendo assim uma pessoa sensitiva (com capacidade de “ver” a Alma de uma pessoa) é capaz de ter acesso à vida passada dessa pessoa.

Por seu lado, a terapia da regressão [63] apoia a *memória reencarnacional*. Por exemplo, Helen Wambach [64], Stanislav Grof [65], Brian Weiss [66], Winafred Lucas [67] foram capazes, através do processo da regressão, de ter acesso à vida passada de várias pessoas, e assim justificar determinados comportamentos na vida presente de um indivíduo, que de outro modo seriam difíceis de perceber.

Por exemplo, Jenny Lucas [68], após ter falecido num acidente, passou pelo processo de regressão na vida presente, tendo sido capaz de encontrar os filhos que tinha deixado na vida anterior.

Para percebermos melhor a *hipótese da reencarnação*, é de referir o «diagrama ovo ou da consciência» de Roberto Assagioli [69]. Neste diagrama temos o «inconsciente profundo» (que contem as memórias dolorosas e os conflitos interiores não resolvidos), o «inconsciente intermediário» (que contem os pensamentos e sentimentos provenientes dos nossos sentidos), o «inconsciente superficial» (através do qual temos acesso à nossa criatividade interior e intuição), o «inconsciente colectivo» (onde aparecem os arquétipos característicos de uma sociedade, raça, cultura) e o «campo da consciência» onde aparecem os conteúdos “arquétipicos” (pensamentos, sentimentos) existentes nas áreas do inconsciente referido. Este diagrama está de acordo com as investigações de Carl Jung [70] que defende que durante o processo de Individuação (união do «lado consciente» com o «lado inconsciente») a percepção dos “arquétipos” poderá ser feita através de «sonhos» ou de « projecção pessoais» descritas por metáforas e símbolos nos textos Sagrados das várias religiões. Por exemplo, Roger Woolger [71], que recebeu formação em análise regressiva Junguiana, investigou a ligação entre os problemas sentimentais da vida presente de alguns dos seus pacientes, e a tomada de consciência ou “auto-percepção” dos “arquétipos” (“Anima” a presença subjectiva feminina inconsciente que está no interior do homem, e “Animus” a presença subjectiva masculina inconsciente que está no interior da mulher) que aparecem no «campo da consciência» da própria pessoa. Neste caso a *hipótese de reencarnação* poderá justificar alguns padrões de comportamento provenientes de vidas passadas.

Vamos, agora, analisar a relação entre “reencarnação” e “auto-percepção” dos seres conscientes. O «Princípio Antrópico» (que defende que a Vida no Universo tem uma finalidade), proposto por John Barrow e Frank Tipler [72] advoga que o Universo é auto-consciente através da *escolha* feita por seres conscientes como, por exemplo, os seres humanos. A morte é um mecanismo de “auto-renovação” do Universo de modo que a evolução da consciência possa ocorrer.

Amit Goswami [73] defende que, de acordo com a sua interpretação epistemológica do resultado da experiência da «escolha retardada» da Mecânica Quântica, o primeiro ser consciente a fazer uma observação «auto-referencial» (com “auto-percepção”) foi a célula viva. São os seres conscientes que revertem a “flecha do tempo” [74] na Equação de Schrödinger.

Contudo, precisamos de definir um «tempo de auto-percepção» que não é nem físico nem psicológico. Assim, Richard Feynman e Albert Hibbs [75] formularam o *Integral de Caminho* e aplicaram um «tempo imaginário» na Equação de Schrödinger com a finalidade de descrever o *tempo*. Este pode ser considerado como um «tempo transdisciplinar», sendo uma medida da “auto-percepção” do sujeito, i.e., um “intrincamento” entre os “arquétipos” que aparecem no seu «campo da consciência» e o mundo físico que o rodeia. Esta ideia era partilhada por Jung (psicólogo) e Pauli (físico). Por exemplo, dois seres conscientes com *diferentes* «campos ou estados de consciência» apresentam *diferentes* «tempos transdisciplinares», pelo que têm diferentes “tipos de encarnação” ou vida. Esta é a razão porque o estudo do papel do *tempo* é tão importante para a *hipótese da reencarnação*.

Temos de referir que as filosofias da Índia defendem que a compreensão da *arte de respirar* (do Sânscrito *pranayama*) é a “chave” para o entendimento do «tempo transdisciplinar» nos vários *planos/níveis de consciência* [76], referidos anteriormente. Daqui poderemos perceber melhor a relação entre uma determinada “reencarnação” e a “auto-percepção” do sujeito [77], [78]. Amit Gowami acrescenta que os seres conscientes têm uma componente «mente-cérebro clássica» e uma componente «mente-cérebro quântica» (de acordo com a *Teoria mente-cérebro*, de Hameroff e Penrose, referida adiante). Quando se reencarna e chega um dado estímulo sensorial é a componente «mente-cérebro clássica» que processa a informação. Depois temos a *liberdade de escolha* entre optar pelos *padrões de vida anteriores* ou por outros *novos padrão*, os quais são registados pela componente «mente-cérebro quântica». Quando se morre a componente «mente-cérebro clássica» desaparece juntamente com o corpo físico, enquanto que a componente «mente-cérebro quântica» sobrevive (fazendo parte do «corpo quântico»), e é esta que vai determinar o número de reencarnações posteriores do ser consciente. É esta a razão porque o *Livro Tibetano dos Mortos* [79] defende que a vida e a morte são um “*continuum*” de modo que a evolução da *consciência dos seres* possa ocorrer.

Assim, as propensões da componente «mente-cérebro quântica» são transmitidas de uma encarnação para outra, através da *não-localidade* da *mente holográfica* [80]. A *teoria da mente holográfica*, proposta por Karl Pribram [81] e David Bohm, defende que o tempo físico e as três dimensões do espaço físico são «projeções» feitas pelo cérebro a partir da *mente holográfica não-local* (que contém os padrões Junguianos vitais, emocionais e mentais). O físico Bohm [82] e o neurofisiologista Pribram [83] acrescentam que a experiência de «não-localidade» de Aspect [84] (comunicação instantânea entre objectos quânticos separados) implica que num nível não manifestado existe uma unidade que é holográfica onde tudo está interconectado ou interdependente. A não-localidade de Aspect é muito relevante para a teoria da «vida após a morte», isto é, para a *hipótese de reencarnação* da Alma (que contém o «corpo quântico»), pois esta é uma experiência não-local. Já a *Teoria da consciência mente-cérebro*, de Roger Penrose [85] e Stuart Hameroff [86], defende que o ser humano tem uma componente «mente-cérebro quântica», responsável pela criativi-

dade e pelo processamento não-local da informação, e uma componente «mente-cérebro clássica», responsável pelo processamento das experiências do dia-a-dia. A mente está interligada com o cérebro através da consciência. As *experiências de quase-morte* (EQM), onde ocorre uma alteração da consciência, são experiências *não-locais* [87], processadas pela componente «mente-cérebro quântica».

A *hipótese da reencarnação* que foi analisada neste artigo tem inúmeras implicações filosóficas, nomeadamente interligadas com questões éticas ligadas à morte como, por exemplo, a eutanásia, bem como com a história da bioética [88]. Poderemos perguntar porque é que as pessoas comuns, e os cientistas em particular, devem ser éticos no seu trabalho? Como se delineou neste artigo, a vida pode ser vista como uma escola de aprendizagem [89], onde em cada reencarnação temos a oportunidade de executar um dado trabalho, apreender mais algumas lições, completar algum “karma” de outra vida, de modo a ocorrer a evolução da consciência. A morte é vista como parte deste processo de evolução pessoal. Estas ideias são particularmente importantes para a nossa vida, pois o modo como lidamos com tudo o que nos rodeia vai determinar a nossa próxima encarnação, e esta é a razão mais profunda porque devemos ser éticos, para além da questão moral [90].

Devemos acrescentar, que na filosofia Ocidental, particularmente no século XVII e XVIII, a ciência e a ideia religiosa de ética estavam em completa concordância. Immanuel Kant [91] defendia que *“todas as pessoas têm uma motivação interior para levar a cabo os seus deveres morais em sociedade”*. Kant apoiava a ideia religiosa de que na «vida após a morte» somos punidos ou recompensados pelas nossas acções, caso estas sejam más ou boas, respectivamente no Inferno ou no Céu. Contudo, no século XX, durante a II Grande Guerra, o conhecimento de várias atrocidades cometidas contra seres humanos (particularmente em determinados grupos étnicos) criou alguns desafios na ideia religiosa de ética.

Em 1947, o Tribunal de Nuremberga escreveu o «Código de Ética» [92] que tinha como finalidade defender a «dignidade do ser humano», particularmente em relação à manipulação genética, nomeadamente de pobres e negros [93]. Em 1948, a Organização das Nações Unidas (ONU) escreveu a «Declaração Universal dos Direitos Humanos», para que a «dignidade do ser humano» pudesse ser preservada na investigação científica. Em 1953, o Instituto Nacional de Saúde, dos Estados Unidos da América, decidiu que toda a investigação científica (realizada em clínicas privadas) deveria aderir ao princípio ético da «Declaração de Helsínquia» [94]. Em 1978, o «Relatório de Belmonte» [95] apoiou a «Declaração de Helsínquia», nomeadamente nos princípios e guias éticos para a protecção dos seres humanos na investigação científica.

Entretanto, muitas outras técnicas médicas têm surgido em ciência, tais como, a transplantação de órgãos, a manipulação genética, entre outras, o que têm criado alguns desafios éticos, nomeadamente, sobre a questão de ser possível tecnicamente, mas de ser etica-

mente aceitável? Em 1920, o padre Fritz Lahr desenvolveu a expressão «bioética» numa publicação intitulada «*Bio-Ethics: A Review of the Ethical Relationship of Humans to Animals and Plants*» [96], e mais tarde, em 1970, o médico Van Rensselaer Potter [97] utilizou o termo «bioética», mas num sentido mais abrangente, que visava não só no preservar a dignidade humana nas investigações científicas, mas também estudar a relação do ser humano com a Terra (poluição, excesso populacional). O estudo da «bioética» foi também apoiado pelo médico André Hellegers e pelo padre Paul Ramsey [98] que promoveram o diálogo entre ciência e religião em relação à filosofia da ética, na prática científica.

Na verdade, todas as religiões, quer do Ocidente quer do Oriente, defendem que cada vida humana faz parte do projecto Divino em curso, cabendo a cada ser humano *escolher conscientemente* o seu caminho de auto-realização, de acordo com as suas qualidades e características pessoais. Neste sentido, a bioética pode beneficiar da relação entre a ciência e a religião, nomeadamente, na abordagem dos problemas concretos do quotidiano das pessoas, mas tendo em consideração a dimensão espiritual do ser humano.

3. CONCLUSÕES

O progresso não nos tem dado uma resposta definitiva sobre várias questões epistemológicas [99] que foram abordadas neste artigo, nomeadamente, se existe «vida após a morte» [100]? Algumas destas questões têm sido consideradas, algumas vezes, como “pseudo-científicas”, pelo pensamento positivista, pelo que têm sido abordadas exclusivamente pela filosofia e religião. Contudo, no século XX, o aparecimento da mecânica quântica, por um lado, e a psicologia transpessoal, e as ciências do cérebro, por outro, levaram a comunidade científica a reconsiderar se é adequado separar completamente as áreas da ciência e da religião, no estudo da temática deste artigo, uma vez que, quer a ciência quer a religião partilham de aspectos complementares do ser humano. A ciência procura explicar os fenómenos da Natureza, enquanto que a religião procura lidar com o lado subjectivo e interior do ser humano. Neste sentido, alguns cientistas, como Ilya Prigogine e Isabelle Stengers [101] defendem uma «Nova Aliança» ou «união» entre a ciência (medicina) e as humanidades (filosofia, religião) para que estas questões possam ser abordadas de um modo mais holístico e integrado.

Neste século XXI, acreditamos que o diálogo entre ciência e religião poderá contribuir de um modo positivo para uma resposta transdisciplinar sobre a questão da «vida após a morte», e para os desafios levantados pela bioética [102].

BIBLIOGRAFIA

- [1]. **Ian Stevenson**. 1974. *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*. University Press of Virginia.
- [2]. **Henry Stapp**. 1985. "Consciousness and values in the quantum universe". *Foundations of Physics*, 15(1):35-47.
- [3]. **Surendranath Dasgupta**. 1973. *The History of Indian Philosophy*. Motilal Banarsidass. Volume 1.
- [4]. **Swami Vivekananda**. 1982. *Karma-Yoga and Bhakti-Yoga*. Ramakrishna-Vivekananda Center.
- [5]. **Fred Alan Wolf**. 1986. *The Body Quantum*. Macmillan Publishing.
- [6]. **Ian Stevenson**. 1977. "Research into the Evidence of Man's Survival after Death". *Journal of Nervous and Mental Disease*, 165:152-170.
- [7]. **Werner Heisenberg**. 1979. *Philosophical Problems of Quantum Physics*. Ox Bow Press.
- [8]. **Alastair Rae**. 1992. *Quantum Mechanics*. Institute of Physics Publishing.
- [9]. **Basarab Nicolescu**. 2002. *Nous, La Particule et le Monde*. Éditions du Rocher.
- [10]. **Ernest Nagel e James Newman**. 2008. *Gödel's Proof*. New York University Press.
- [11]. **Paul Deussen**. 1906. *The History of the Upanishads Religion and Philosophy of India*. Dover Publications.
- [12]. **Joseph Head e Sylvia Cranston**. 1977. *Reincarnation: The Phoenix Fire Mystery*. Julian Press/Crown.
- [13]. **Helena Blavatsky**. 2011. *The Secret Doctrine: The Synthesis of Science, Religion, and Philosophy*. Cambridge University Press. Volume 3.
- [14]. **Peter Fenwick e Elisabeth Fenwick**. 1999. *Past Lives*. Headline Book Publishing.
- [15]. **Frederic Myers**. 1992. *Human Personality and Its Survival of Bodily Death*. Pilgram Books.
- [16]. **Jiddu Krishnamurti**. 1992. *On Living and Dying*. Harper san Francisco.
- [17]. **Daniel Dennett**. 1991. *Consciousness Explained*. Little, Brown and Company.
- [18]. **Mark Woodhouse**. 1996. *Paradigm Wars: Worldviews for a New Age*. Frog Books.
- [19]. **Stephen Braude**. 1992. "Survival or Super-psi?". *Journal of Scientific Exploration* 6(2): 127-144.
- [20]. **Hornell Hart**. 1959. *The Enigma of Survival: The Case For and Against an After Life*. Rider and Company.
- [21]. **Daniel Scott Rogo**. 1986. *Life After Death: The Case For Survival of Bodily Death*. The Aquarian Press.
- [22]. **James Wheatley**. 1976. *Philosophical dimensions of parapsychology*. Charles C. Thomas.
- [23]. **Charlie Dunbar Broad**. 2007. *Lectures on Physical Research*. Kessinger Publishing.
- [24]. **Stephen Braude**. 2003. *Immortal Remains: The Evidence for Life after Death*. Rowman&Littlefield Publishers.
- [25]. **Herbert Saltmarsh**. 1938. *Evidence of personal survival from cross correspondences*. G. Bell.
- [26]. **Alan Gauld**. 1983. *Mediumship and Survival: A Century of Investigations*. Paladin.
- [27]. **Paul Beard**. 1966. *Survival of Death*. Psychic Press.

- [28]. **Robert Almeder**. 1992. *Death and Personal Survival: The Evidence for Life After Death*. Littlefield Adams.
- [29]. **Robert Monroe**. 1994. *Ultimate Journey*. Doubleday.
- [30]. **Peter Novak**. 1997. *The Division of Consciousness*. Hampton Roads Publishing.
- [31]. **Ian Currie**. 1993. *You Cannot Die*. Element Books.
- [32]. **Arthur Berger**. 1990. *Aristocracy of the Dead: New Findings in Postmortem Survival*. McFarland Publishing.
- [33]. **Albert Einstein**. 2009. *Comment je vois le monde*. Editions Flammarion.
- [34]. **Sri Aurobindo Ghose**. 1970. *The Synthesis of Yoga*. Sri Aurobindo Ashram Press.
- [35]. **Raymond Moody**. 1976. *Life after Life: The Investigation of a Phenomenon – Survival of Bodily Death*. Bantam Books.
- [36]. **Elisabeth Kübler-Ross**. 1997. *On Death and Dying*. Scribner Classics.
- [37]. **Robert Monroe**. 1992. *Journeys out of the Body*. Broadway Books.
- [38]. **Michael Sabom**. 1982. *Recollections of Death: A Medical Investigation*. Harper&Row.
- [39]. **Kenneth Ring**. 1980. *Life at Death: A Scientific Investigation of the Near-death Experience*. Quill.
- [40]. **Kenneth Ring e Evelyn Valarino**. 1998. *Lessons from the Light: What We Can Learn from the Near-Death Experience*. Insight Books.
- [41]. **Phyllis Atwater**. 1995. *Beyond the Light*. Thorsons.
- [42]. **Bruce Greyson e Charles Flynn**. 1984. *The Near-Death Experience: Problems, Prospects, Perspectives*. Charles C. Thomas.
- [43]. **Raymond Moody e Paul Perry**. 1998. *The Light Beyond*. Macmillan.
- [44]. **Robert Kastenbaum**. 1984. "Ian Stevenson: An Omega interview". *Omega*, 28: 165-182.
- [45]. **David Lorimer**. 1984. *Survival: Body, Mind and Death in the Light of Psychic Experience*. Routledge&Kegan Paul.
- [46]. **Kenneth Ring**. 1993. *The Omega Project: Near-Death Experiences, UFO Encounters, and Mind at Large*. William Morrow&Co.
- [47]. **Henry Sidwick et al.** 1894. "Report on the Census Hallucinations". *Society of Psychical Research*, 10: 25-42.
- [48]. **Karlis Osis e Erlendur Haraldsson**. 1977. *At the Hour of Death*. Avon.
- [49]. **Lee Bailey e Jenny Yates**. 1996. *The Near-Death Experience: A Reader*. Routledge.
- [50]. **Ian Stevenson**. 2000. "The phenomenon of claimed memories of previous lives: possible interpretations and importance". *Medical Hypotheses*, 54 (4): 652–659.
- [51]. **Antonia Mills**. 1989. "A preliminary investigation of reincarnation among the Beaver and Gitksan Indians". *Anthropologica*, 30: 23-59.
- [52]. **Jim Tucker**. 2005. *Life Before Life: A Scientific Investigation of Children's Memories of Previous Lives*. St. Martin's Press.
- [53]. **Ian Stevenson**. 1997. *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects*. Praeger Publishers.
- [54]. **Ian Stevenson**. 1997. *Where Reincarnation and Biology Intersect*. Praeger Publishers.

- [55]. **Ian Stevenson**. 1987. *Children Who Remember Previous Lives: A Question of Reincarnation*. University of Virginia Press.
- [56]. **Ian Stevenson**. 1984. *Unlearned Language: New Studies in Xenoglossy*. University of Virginia Press.
- [57]. **Satwant Pasricha**. 1990. *Claims of Reincarnation: An Empirical Study of Cases in India*. Harman Publishing House.
- [58]. **Erlendur Haraldsson**. 1995. "Personality and abilities of children claiming previous-life memories". *Journal of Nervous and Mental Disease*, 183: 445-451.
- [59]. **Erlendur Haraldsson**. 2003. "Children who speak of past-life experiences: Is there a psychological explanation?". *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 76: 55-67.
- [60]. **Amit Goswami**. 2001. *Physics of the Soul*. Hampton Press.
- [61]. **Lafcadio Hearn**. 2011. *Gleanings in Buddha-Fields: Studies of Hand and Soul in the Far East*. Houghton Mifflin and Company.
- [62]. **Thomas Sugrue**. 1988. *There is a River: The Story of Edgar Cayce*. Dell Publishing.
- [63]. **Morris Netherton e Nancy Shiffrin**. 1978. *Past Lives Therapy*. Ace.
- [64]. **Helen Wambach**. 1978. *Reliving Past Lives: The Evidence under Hypnosis*. Harper&Row.
- [65]. **Stanislav Grof**. 1994. *Books of the Dead: Manuals for Living and Dying*. Thames and Hudson.
- [66]. **Brian Weiss**. 1994. *Many Lives, Many Masters*. Piatkus.
- [67]. **Winafred Lucas**. 1993. *Regression Therapy: A Handbook for Professionals*. Deep Forest Press.
- [68]. **Jenny Cockell**. 1993. *Yesterday's Children*. Piatkus Books.
- [69]. **Roberto Assagioli**. 2000. *Psychosynthesis: A Collection of Basic Writings*. Synthesis Center.
- [70]. **Frieda Fordham**. 1966. *An Introduction to Jung's Psychology*. Penguin Books.
- [71]. **Roger Woolger**. 1987. *Other Lives, Other Selves*. Crucible.
- [72]. **John Barrow e Frank Tipler**. 1986. *The Anthropic Cosmological Principle*. Oxford University Press.
- [73]. **Amit Goswami**. 2003. *The Visionary Window*. Quest Books.
- [74]. **Jean-Claude Zambrini e Kai-Lai Chung**. 2001. *Introduction to Random Time and Quantum Randomness*. McGraw-Hill Portugal.
- [75]. **Richard Feynman e Albert Hibbs**. 1965. *Quantum Mechanics and Paths Integrals*. McGraw-Hill.
- [76]. **Bellur Iyengar**. 2005. *Light on Pranayama*. Haper Collins Publishing.
- [77]. **Hans TenDam**. 1987. *Exploring Reincarnation*. Arkana.
- [78]. **Stuart Hameroff e Alfred Kaszniak e Alwyn Scott**. 1998. *Towards a Science of Consciousness II: The Second Tucson Discussions and Debates*. MIT Press.
- [79]. **Walter Evans-Wentz**. 2000. *Tibetan Book of the Dead*. Oxford University Press.
- [80]. **Amit Goswami**. 1993. *The Self-Aware Universe: How Consciousness Creates the Material World*. Tarcher/Putnam.

- [81]. **Karl Pribram**. 1993. "Rethinking Neural networks: Quantum Fields and Biological Data". *Proceedings of the First Appalachian Conference on Behavioural Neurodynamics*.
- [82]. **David Bohm e Basil Hiley**. 1993. *The Undivided Universe*. Routledge.
- [83]. **Karl Pribram**. 1985. "Holism ´ could close the cognition era". *APA Monitor*, 16: 5-6.
- [84]. **Alain Aspect e Jean Dalibard e Gérard Roger**. 1982. "Experimental test of Bell inequalities using time-varying analyzers". *Physical Review Letters*, 49 (25): 1804-1806.
- [85]. **Roger Penrose**. 1990. *The Emperor ´s New Mind*. Vintage.
- [86]. **Stuart Hameroff e Roger Penrose**. 1996. "Orchestrated reduction of quantum coherence in brain microtubules – a model for consciousness". *Towards a Science of Consciousness: Contributions from the 1994 Tucson Conference*.
- [87]. **Ken Wilber e Stanislav Grof e Rupert Sheldrake et al.** 2015. *Vida Depois da Morte*. Ésquilo Editora.
- [88]. **Nancy Jecker e Albert Jonsen e Robert Pearlman**. 2007. *Bioethics: An Introduction to the History, Methods and Practice*. Jones&Bartlett Publishers.
- [89]. **Peter Leggett e Max Payne**. 1996. *A Forgotten Truth*. Pilgrim Books.
- [90]. **Sogyal Rinpoche**. 1994. *The Tibetan Book of Living and Dying*. Harper San Francisco.
- [91]. **Immanuel Kant**. 2008. *The metaphysical Elements of Ethics*. Arc Manor.
- [92]. **Tom Beauchamp e Leroy Walters**. 1982. "The Nuremberg Code". *Contemporary Issues in Bioethics*, B-W: 510.
- [93]. **Warren Reich**. 1982. "A Short History of Medical Ethics". *Encyclopedia of Bioethics*.
- [94]. **World Medical Association**. 1964. "Declaration of Helsinki". *British Medical Journal*, 2 (5402): 177.
- [95]. **The National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research**. 1976. *Ethical Principles and Guidelines for the Protection of Human Subjects of Research*. The Belmont Report .
- [96]. **Hans-Martin Sass**. 2007. "Fritz Jahr´s 1927 Concept of Bioethics". *Kennedy Institute for Ethics Journal*, 17(4): 279-295.
- [97]. **Van Rensselaer Potter**. 1971. "Bioethics, the Science of Survival". *Perspectives in Biology and Medicine*, 14:127-153.
- [98]. **Paul Ramsey**. 1978. *Ethics at the Edges of Life*. Yale University Press.
- [99]. **Bernard d´Espagnat**. 1983. *In search of Reality*. Springer-Verlag.
- [100]. **David Lorimer**. 1990. *Whole in One: The Near-Death Experience and the Ethic of Interconnectedness*. Arkana.
- [101]. **Ilya Prigogine e Isabelle Stengers**. 1986. *La nouvelle alliance*. Gallimard Éditions.
- [102]. **Luís Archer**. 2006. *Da Genética à Bioética*. Gráfica de Coimbra 2.